

EXPECTATIVAS E A TAXA DE RETORNO DO INVESTIMENTO NA TEORIA DE KEYNES

Walcir Soares Junior¹

O empresário keynesiano é metódico e racional por natureza, e antes de tomar uma decisão precisa estudá-la - processo chamado por Keynes de “ex-ante” - integralmente na busca de falhas e deficiências. Sabe-se que esse empresário keynesiano já está estabelecido no mercado e possui certas reservas monetárias; em virtude disso, ele se vê diante de dois caminhos opostos: investir em bem de capital a espera de rendimentos que devem mais que compensar seu desembolso, como lhe gerar renda empresarial, ou manter essa reserva na forma de dinheiro, o que lhe traz segurança, e um prêmio de liquidez altíssimo. Para auxiliar nessa importante - e perigosa - decisão, Keynes elaborou um estudo metódico, chamado a “Teoria das Expectativas Convencionais”.

O primeiro ato deste estudo é recolher informações relevantes - aquelas internas, cotidianas e seguras da própria empresa - (vendas, estoques, fluxo de caixa, etc.). Após o recolhimento e análise desses dados, o empresário os projeta para o futuro, ou seja, prevê seu comportamento ao longo do tempo, devido ao longo prazo ao qual os rendimentos estão sujeitos. E é por esse motivo também, que ele não deve se basear em informações irrelevantes (clima, revoluções políticas, inovações científicas e tecnológicas), pois dado sua incerteza, o empresário ficaria oscilante e optaria por não investir. Durante a citada projeção, o empresário usa de um princípio único e simples: o futuro continua o presente, sugerindo que esta projeção possa ser otimista ou pessimista, de acordo com a situação presente da empresa. Nas próprias palavras de Keynes:

“Seria insensato, na formação de nossas expectativas, atribuir grande importância a tópicos que para nós são muito incertos. É, portanto, razoável que nos deixemos guiar, em grande parte, pelos fatos que merecem nossa confiança, mesmo se sua relevância for menos decisiva para os resultados esperados do que outros fatos a respeito dos quais o nosso conhecimento é vago e limitado (...) Na prática, concordamos, geralmente, em recorrer a um método que é, na verdade, uma convenção. A essência desta convenção - embora ela nem sempre funcione de uma forma tão simples - reside em se supor que a situação existente dos negócios continuará por tempo indefinido, a não ser que tenhamos razões concretas para esperar uma mudança” (KEYNES, Teoria Geral, cap.12)

Esse método, classificado por Keynes como “método da convenção”, deriva sua classe da palavra “convencional”, que significa o tradicional, seguir a maioria. Seu maior argumento é sustentado pelo caso de uma decisão equivocada: todos perdem proporcionalmente, mantendo suas posições de mercado inalteradas: “*A sabedoria universal indica ser melhor para a reputação fracassar junto com o mercado do que vencer contra ele*” (KEYNES, Teoria Geral, cap.12)

Entretanto, além de ser “convencional”, o empresário não só precisa como deve confiar nas suas expectativas. Um empresário keynesiano necessita estar seguro quanto à decisão tomada, pois uma vez investido, um possível erro resultaria em altos custos de manutenção da maquinaria, o que seria um choque à sua racionalidade e perfeccionismo empreendedores.

A alta taxa de liquidez e a segurança extraordinárias que o dinheiro pode gerar ao seu portador, de um ponto de vista do empresário keynesiano - e também da maior parte, senão total, dos economistas -, tem um preço ao qual pode ser trocado pela incerteza de investir em equipamento durável de capital. Mas para um empresário efetuar audaciosa troca, deve ter uma expectativa positiva em relação a seus rendimentos, e como uma luz em meio à penumbra do futuro, ele usa a matemática a seu favor, calculando a eficiência do capital (EK).

¹ Acadêmico do curso de Ciências Econômicas da turma Eco3SA, trabalho orientado pelo prof. Fábio San Martins.

Para calcular a eficiência do capital (EK), o empresário emprega determinantes como o preço de oferta do bem de capital desembolso, a taxa de juros, e os rendimentos esperados desta forma: tendo em mente o valor do desembolso, ele estima quanto o bem de capital irá lhe render ao longo do tempo. Como os rendimentos são de longo prazo, ele deve atualizar esses rendimentos com base na taxa de juros vigente, extraindo um valor total de rendimentos atualizados para esse cálculo ele faz uso do fator de atualização dos rendimentos esperados $1/(1+r)^n$, onde r = taxa de juros, e n = unidade de tempo. Após atualizar a série de rendimentos esperados no futuro, ele divide o somatório deles pelo valor do desembolso, chegando finalmente a um valor que é a eficiência do capital. Um resultado maior que 1 ou 0%, significa que além de pagar os juros e recuperar o desembolso, o empresário obterá um excedente que é a renda empresarial gerada. Para resultado igual a 1 ou 0%, mesmo sem alcançar o excedente ou renda empresarial obtido como resíduo dos juros contratuais e do desembolso, ele aceita investir para manter sua posição de mercado. Valores abaixo de 1 ou 0% significam prejuízo, pois apesar de pagarem os juros - na verdade os juros serão pagos em qualquer circunstância pois o empréstimo independe de onde será aplicado, e pode ser pago por outros meios recupera apenas parte do valor desembolsado.